

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**



**HUGO EDUARDO MARQUES PIZARRO**

**RELATÓRIO ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA E.B. 2,3 / S. DR.  
DANIEL DE MATOS JUNTO DA TURMA DO 8ºC NO ANO LETIVO 2011 / 2012  
EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: ATITUDE DO PROFESSOR FACE AOS  
ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS DE CARÁTER  
PERMANENTE**

**COIMBRA  
2012**

**HUGO EDUARDO MARQUES PIZARRO**

**Nº 2010113034**

**RELATÓRIO ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA E.B. 2,3 / S. DR.  
DANIEL DE MATOS JUNTO DA TURMA DO 8ºC NO ANO LETIVO 2011 / 2012  
EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: ATITUDE DO PROFESSOR FACE AOS  
ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS DE CARÁTER  
PERMANENTE**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário.

**Orientadora:** Mestre Maria Rodrigues

**COIMBRA**

**2012**

**Esta obra deve ser citada como:**

Pizarro, H. (2012). *Relatório Final de Estágio Pedagógico - "Educação Física Inclusiva: atitude do professor face aos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente"*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

À minha **MÃE**.  
Pelo apoio incansável...  
Por sempre acreditar em mim...

## AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de exprimir gratidão em relação a algumas pessoas que contribuíram, de forma direta e indireta, para a concretização deste ano de Estágio Pedagógico e para a realização desta dissertação de Mestrado com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário. **A todos eles, o meu profundo e sentido agradecimento.**

- Ao Professor Orientador de Estágio, Marco Rodrigues, da Escola E.B. 2,3 Dr. Daniel de Matos de Vila Nova de Poiares, pela sua permanente orientação e colaboração ao longo de todo o ano letivo. Por todo o seu constante apoio, ajuda e confiança. Pelo carinho com que me “adoptou” pelos inúmeros conselhos transmitidos.
- Aos meus colegas de Estágio: Ana Catarina Jacinto e Rui Germano Queirós, por todo o apoio prestado. Pelo seu companheirismo e amizade que sempre demonstraram. Por tudo aquilo que também aprendi com eles.
- A todos os meus Professores de Mestrado, em especial à minha Orientadora, Maria Rodrigues, da Faculdade de Ciência do Desporto e Educação Física pelo conhecimento transmitido e apoio prestado.
- Aos colegas do Grupo de Educação Física da Escola E.B. 2,3 Dr. Daniel de Matos de Vila Nova de Poiares: pela disponibilidade em ajudarem-me nas situações que precisei e por me tratarem como verdadeiro colega de trabalho.
- A toda a comunidade escolar, mas especialmente aos alunos que constituíram a turma do 8ºC, por ter sido a turma à qual lecionei a disciplina de Educação Física permitindo-me desenvolver o meu estágio. Pelo respeito e colaboração que sempre demonstraram para comigo.
- À minha família, mas em especial à minha Mãe, pela pessoa que é no seu todo. Por ter contribuído imensamente para que pudesse concluir esta etapa da minha vida com sucesso.
- A todos os meus amigos, pelo apoio e amizade demonstrada.

*”Ensinar é um ato sublime, um contributo supremo ao serviço da Sociedade. É moldar, na liberdade criativa, responsável e ética os contornos da humanidade. Num quadro onde a sociedade se pretende mais democrática, a mesma deve promover valores que favoreçam o respeito e o direito à diferença.” (Anónimo)*

## RESUMO

O presente documento, com vista à obtenção de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, tem o propósito de reproduzir as vivências práticas decorridas no âmbito do Estágio Pedagógico desenvolvido durante este ano letivo. O estágio pedagógico assume-se como uma peça fundamental para a integração progressiva e orientada numa vida profissional via ensino, proporcionando a experiência nele vivido, um enriquecimento profundo da nossa formação. A experiência adquirida no seio da comunidade escolar e na lecionação da disciplina de Educação Física (EF) à turma C do oitavo ano de escolaridade, será relatada neste documento com base numa reflexão crítica e fundamentada sobre os procedimentos adoptados ao longo das três fases do complexo processo de ensino – aprendizagem (planeamento, realização e avaliação). Para enriquecer ainda este relatório final de estágio, será contemplado ainda o aprofundamento de um tema sobre uma dificuldade sentida durante a minha intervenção pedagógica. As atitudes dos professores que lecionam EF são um fator chave na inclusão deste tipo de alunos nas classes, logo o objetivo principal do aprofundamento do tema abordado neste documento é averiguar a atitude do professor face aos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente, perspetivando uma EF inclusiva.

**Palavras-chave:** Atitudes, Educação integrada / inclusiva, Professores de Educação Física, Estágio Pedagógico.

## ABSTRACT

This document, in order to obtain a Master in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education, aims to reproduce the practical experiences elapsed under the Teacher Training developed during this school year. The teaching practice is assumed as a fundamental part of the phasing-oriented career path in teaching, giving it a lived experience, a deep enrichment of our training. Experience within the school community and in the teaching of the discipline of Physical Education (PE) to the class C of the eighth grade, will be reported in this document based on a reasoned and critical reflection on the procedures adopted during the three phases of the complex teaching - learning (planning, implementation and evaluation). To enrich the final report stage, will be awarded a further deepening of the theme on a difficulty experienced during my educational intervention. The attitudes of teachers who teach PE is a key factor in the inclusion of such students in classes, so the main goal of deepening the theme discussed in this paper is to ascertain the attitude of teachers towards students with special educational needs of a permanent nature, envisaging a PE inclusive.

**Keywords:** Attitudes, Integrated / inclusive education, Physical education teachers, Pedagogical Internship.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1.CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA .....	13
1.1. Definição das expetativas iniciais (Plano de Formação Individual).....	13
1.2. Caraterização do Contexto.....	18
1.2.1.Realidade Escolar .....	18
1.2.2.O Grupo de Educação Física .....	20
1.2.3. O Núcleo de Estágio .....	21
1.2.4. Os professores Orientadores .....	21
1.2.5.Relação Professor / Alunos .....	22
2. EVOLUÇÃO OPERADA NO ESTÁGIO.....	24
2.1. Planeamento do Ensino da Turma .....	24
2.1.1. Plano Anual .....	25
2.1.2. Unidades Didáticas .....	27
2.1.3. Planos de Aula .....	29
2.2. Realização.....	30
2.2.1. Instrução.....	31
2.2.2. Gestão .....	33
2.2.3.Clima / Disciplina.....	34
2.2.4. Decisões de Ajustamento.....	35
2.3. Avaliação .....	37
2.4. Compromisso com as aprendizagens dos alunos.....	39
2.5. Componente Ética – Profissional .....	40
2.6. Conclusões.....	41
3. APROFUNDAMENTO DO TEMA / PROBLEMA .....	45
3.1.Tema.....	45
3.2. Enquadramento do Estudo .....	45
3.3. Pertinência do Estudo .....	45
3.1. Revisão da Literatura.....	46
3.1.1. <i>Conceitos</i> .....	46
3.2. Descrição do Aluno N.E.E.C.P. ....	50
3.3. Aprofundamento do tema / problema .....	51

3.4. Conclusões Finais .....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	56

## **DECLARAÇÃO SOB COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE DO DOCUMENTO**

Hugo Eduardo Marques Pizarro, nº 2010113034, do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensino Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, venho declarar por minha honra que o Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

## INTRODUÇÃO

O presente documento constitui o Relatório Final de Estágio, surgindo como parte integrante da unidade curricular de Estágio Pedagógico, no âmbito do segundo e último ano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O Estágio Pedagógico surge como uma componente fundamental do processo de formação do aluno estagiário, possibilitando a transição do aluno para professor, ajudando-o a adaptar-se à nova realidade que irá encontrar no futuro, na medida em que esta fase de iniciação decorre sob o apoio de outros professores, nomeadamente, o supervisor da faculdade e o professor orientador da escola que têm como objetivo fundamental ajudar o estagiário a aplicar o conhecimento adquirido e a encontrar as soluções mais adequadas para os problemas com que se depara no processo ensino/aprendizagem.

Estagiar na Escola E.B. 2,3 / S. Dr. Daniel de Matos em Vila Nova de Poiares, enquanto professor estagiário de Educação Física, permitiu-me viver/sentir a relação escola, professor, alunos, meio, entre outras. Foram meses de experiências, novas aprendizagens, de peripécias, de alegrias, de convívio, de lazer e trabalho árduo. Agora, findada esta etapa, chegou o momento de apresentar ao longo deste relatório final de estágio, o balanço de toda a experiência acumulada durante este ano letivo com base numa reflexão profunda, crítica e fundamentada.

Deste modo, o presente documento está organizado em três partes: descrição, reflexão e tema. A primeira parte do relatório, descreve essencialmente toda a contextualização da prática (expectativas iniciais) e caracterização do contexto (realidade escolar, grupo de educação física, professores orientadores, relação professor / alunos). Seguidamente, a segunda parte, incide na análise extensiva sobre a prática desenvolvida com uma reflexão sustentada sobre vários aspetos intrínsecos à intervenção pedagógica que protagonizei, nomeadamente: evolução operada durante o estágio (planeamento do ensino da turma, realização, avaliação), ética profissional e conclusões. Por fim, a última parte deste relatório, destina-se à

exploração de um tema que se enquadra nos domínios da intervenção da Educação Física escolar e no qual entendo ser pertinente a sua abordagem: “Educação Física Inclusiva: A Atitude do Professor face aos Alunos com Necessidades Educativas Especiais de Caráter Permanente”.

Este estágio, constituiu acima de tudo, um ano recheado de novas aprendizagens tanto a nível profissional como a nível pessoal e humano, contribuindo de forma extremamente positiva para a minha formação profissional.

## 1.CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA

### 1.1. Definição das expetativas iniciais (Plano de Formação Individual)

*“Quando iniciamos uma nova experiência ou entramos pela primeira vez num novo espaço, para além da curiosidade vigente, também nos deparamos com enormes medos, dúvidas e receios. A partir disto, logo se formula um conjunto de imagens daquilo que nos espera e iremos encontrar, problemas e prévias resoluções obviamente descabidas, mas também saudáveis.”*

(Correia, 1990)

Á partida para esta nova etapa da minha formação, sentia cada vez mais, que a profissão de professor de Educação Física é, sem dúvida, aquela que quero abraçar e, portanto, quis encará-la com muita seriedade, curiosidade e vontade de fazer bem, aperfeiçoando o meu desempenho a cada dia passado.

Quando chega o momento do estágio é a altura ideal para mostrarmos tudo aquilo que aprendemos na teoria e na prática, em cadeiras curriculares do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, ao qual ainda frequento. A palavra estágio está sempre aliada a uma certa ansiedade, nervosismo, ao receio de errar, mas também à enorme vontade de perseguir o desejo de adquirir uma nova experiência e melhorar o meu desempenho enquanto professor, mesmo quando esta etapa se repete por duas vezes na nossa formação.

Apesar de não ter sido a primeira vez que realizo um estágio e de lecionar aulas no âmbito da disciplina de Educação Física, foi a primeira vez que lecionei ao 3º ciclo de escolaridade e, aqui, se encontrava a minha primeira dificuldade, atendendo a que a minha experiência na lecionação da Educação Física tinha sido até à data com alunos do 2º Ciclo. Portanto, lecionar aulas a alunos do 3º ciclo, foi sinónimo de uma experiência nova, diferente e entusiasmante que reforçou, na minha perspectiva, ainda mais a minha formação.

No desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, são vários os itens que traduzem a forma de desempenho que o professor deve ter como conduta na promoção de aprendizagens. Será no âmbito de um currículo, prestando um serviço pedagógico de qualidade, integrando, com critérios de rigor científico e metodológico, conhecimentos das áreas que o fundamentam que este desenvolvimento deverá ser proporcionado aos alunos, sendo essa uma das minhas expectativas. Como principais preocupações, está como é lógico, o sucesso que eu quis para os meus alunos, logo, o meu compromisso, primou por procurar oferecer-lhes todas as condições para que as suas aprendizagens fossem adquiridas com êxito. Neste sentido, a minha relação pedagógica com a turma e alunos, pretendeu estabelecer-se em perfeita harmonia entre ambos, colocando-lhes sempre a par de todas as fases de aprendizagem, estando assim os alunos em consonância com os objetivos propostos inicialmente.

Para que este processo de ensino/aprendizagem pudesse decorrer com sucesso, é fundamental planejar todo o ensino antecipadamente e com o máximo de rigor, numa fase pré interativa, tudo o que pretendo realizar durante a fase interativa (aulas) e definir bem, com critério todas as etapas de avaliação destinadas aos alunos para que o processo decorresse com toda a naturalidade, sem afetar negativamente o desenvolvimento das aprendizagens.

Em conjunto com os meus colegas de estágio (Catarina e Rui), ambicionei tudo fazer para contribuir para um bom clima entre todos e colaborar para que todos os objetivos que temos em conjunto sejam alcançados. Espero, com eles, deixar uma marca positiva na escola e proporcionar aos alunos todas as vivências possíveis para promover o gosto pela prática regular das atividades físicas. Procurar dar uma formação eclética de todas as modalidades desportivas presentes no planeamento anual, bem como outras se possível, objetivando que os alunos se divirtam e identifiquem com algumas, despertando-lhes interesse e gosto para as exercitem ao longo das suas vidas.

Relativamente ao Professor Orientador, Marco Rodrigues, as minhas expectativas eram muito altas, pois a vasta experiência de ambos na comunidade escolar e na lecionação da disciplina de Educação Física poderia servir, com base nos conselhos fornecidos, para me indicar o caminho do sucesso. Tive como pretensão estabelecer com ele um trabalho produtivo para a minha formação e, com

toda a humildade, ansiava aprender a superar dificuldades para responder a todas as exigências que uma comunidade escolar envolve. Desde o primeiro dia de estágio, posso afirmar, que a minha impressão sobre o orientador é extremamente positiva. Honestamente, considero-o uma boa pessoa, com bastantes qualidades, sendo perceptível as suas enormes competências para exercer o cargo de orientador e da exigência tida comigo e restante grupo de estagiários. Apesar de nos proporcionar um trabalho árduo, tenho presente o lema de que “só com esforço e dedicação podemos atingir os nossos objetivos”.

No que concerne à avaliação que iremos ser alvo enquanto professores estagiários, a minha expectativa é que seja justo e coerente, refletindo realmente o que merecemos e valem.

Para além de todos estes aspetos evidenciados, esperava que a minha relação com o meu orientador de estágio não se restrinja apenas a nível profissional durante este ano letivo. Desejava ganhar um amigo!

Em relação à minha supervisora científica, Maria Rodrigues, sei que poucas vezes estaria em contato direto comigo. No entanto, esperava que fosse capaz de fazer uma apreciação crítica, correta, do que observa e, que nós, enquanto grupo de estagiários, possamos fazer o mesmo expondo as nossas opiniões. Sempre que necessitasse de ajuda seja no que for, em aspetos relacionados com a função que exerce, a minha expectativa é que estivesse disponível para o fazer. Quanto à avaliação de que vamos ser alvo, as expectativas que evidenciei para com o meu orientador em relação a esta matéria, são exatamente as mesmas para com a nossa supervisora.

Ao longo deste ano esperei aprender mais e mais, aprender a ensinar novos conteúdos e contribuir para o meu aperfeiçoamento como professor, nunca esquecendo os alunos, confiando que o meu empenho se traduzisse num excelente aproveitamento à disciplina de Educação Física. Tinha a perfeita consciência que iria ser um ano de muito trabalho e só com muito sacrifício, persistência, dedicação e paixão pela profissão que ambicioso poderia atingir o sucesso pretendido.

A organização de atividades que teria que dinamizar para a Escola E.B. 2,3 /S. Dr. Daniel de Matos seria sem dúvida um desafio aliciante, desejando em conjunto com o meu grupo de estágio e de Educação Física, proporcionar à escola eventos que possam deixar positivamente a nossa marca neste ano letivo.



Objetivava melhorar minha capacidade de organização, planejamento, execução, criatividade com o intuito de proporcionar a toda a comunidade educativa atividades pertinentes que pudessem colmatar algumas necessidades da escola.

Perspetivava a minha participação na escola, adquirindo uma postura muito ativa e dinâmica tanto na comunidade escolar como no meio onde está inserida. Considero este tipo de participação determinante para o desenvolvimento de um trabalho com qualidade, permitindo ultrapassar alguns problemas que possa evidenciar. Por isso, e apenas com uma atitude muito participativa, poderia compreender melhor os alunos, os professores, a dinâmica da escola e identificar ou diagnosticar o mais rápido possível qualquer problema.

Ser participativo na escola, seria uma ação a estar presente no meu quotidiano na qualidade de docente. Participar nos vários projetos inerentes à comunidade escolar e prestar-lhes relevância educativa, desenvolver relações de respeito mútuo e colaborar com professores, promover interações com as famílias no âmbito de alguns projetos, valorizar a escola com a minha participação ativa e envolver-me sempre que tenha possibilidade em todas as atividades didáticas organizadas pela escola, evidenciaríamos princípios indispensáveis a uma participação que pretendia demonstrar ao longo do estágio.

Desta forma, através do envolvimento ativo que tencionava evidenciar, procurava tornar a minha formação extremamente enriquecedora com a acumulação de experiências aprendidas devido à minha participação.

Tenho consciência que ser professor não é apenas lecionar, passa também por outras funções, como diretor de turma, coordenador de departamento ou do desporto escolar, gestão de projetos e outras funções educativas, logo tenho a expectativa de trocar impressões com colegas que ocupem estes cargos.

O professor deve, incorporar a sua formação numa perspetiva construtivista da sua prática inicial construindo-a em três pilares fundamentais: a partir das necessidades e realizações que consciencializa, mediante a análise problematizada das práticas que protagoniza; a reflexão fundamentada sobre a construção da profissão e o recurso à investigação numa conduta cooperativa com outros profissionais.

Neste contexto, mantive como expectativas iniciais a participação em projetos de investigação relacionados com o ensino, aprendizagem e desenvolvimento dos

alunos; desenvolver competências profissionais, pessoais e sociais; realizar trabalho de equipa como fator de enriquecimento da minha formação e refletir ativamente sobre as minhas práticas, aspetos éticos e deontológicos inerentes à profissão, objetivando com isto, suprir algumas carências de formação ao longo do estágio que iria desempenhar.

Esta experiência, certamente que colmataria algumas lacunas na minha formação e perspetivaria um melhoramento do meu desempenho no estágio e, se mantivesse sempre este comportamento como anseio, auxiliar-me-ia no meu desenvolvimento profissional ao longo da vida.

As minhas expectativas eram muito boas e altas, sempre direcionadas para o enriquecimento da minha formação profissional e pessoal, perseguindo como não podia deixar de ser uma nota final muito boa. Paralelamente a estas expectativas, esperava contribuir com o meu trabalho para a escola E.B. 2,3/ S. Dr. Daniel de Matos e toda a sua comunidade educativa, como forma de aproveitar e agradecer a oportunidade que me deu, acolhendo-me como professor estagiário de Educação Física.

Toda a expectativa inicial, visava melhorar vários parâmetros em relação ao planeamento e realização, utilizando estratégias específicas, tal como a tabela abaixo nos demonstra:

PLANEAMENTO	
A melhorar	Estratégia
1. Organização da aula e dos alunos na aula	✓ Trabalhar o tema em contexto de reunião do núcleo de estágio e observação do seu efeito na prática, nas aulas dos estagiários e do orientador. O orientador leciona algumas aulas das turmas dos estagiários, seguindo a sua planificação, e estes observarem-nas.
2. Melhorar a seleção dos exercícios	✓ Investigar mais acerca das matérias de ensino e criar uma base de dados pessoal mais alargada, para poder fazer face aos desafios que vão surgindo

3. Melhorar o conteúdo dos documentos	✓ Reforçar e melhorar o trabalho em grupo, promovendo a discussão e comparação de estruturas e formas de trabalho
<b>REALIZAÇÃO</b>	
4. Melhorar as estratégias de ensino na aula, de forma a torná-la mais dinâmica, com mais energia e mais alegre	✓ Discussão em contexto de reunião de núcleo de estágio. Observação das aulas do orientador e dos estagiários e posterior discussão.
5. Melhorar a qualidade da informação transmitida aos alunos, de uma forma mais clara, sintética e precisa	✓ Maior domínio do conteúdo, por aquisição de conhecimento, e maior reflexão individual e em grupo, do que é importante e do que é acessório.
6. Melhorar a quantidade e, principalmente, a qualidade do feedback. Fechar o ciclo do feedback.	✓ Investigar mais acerca das matérias de ensino, de forma a dominar plenamente o conteúdo, para assim conseguir perceber quais as componentes críticas fundamentais do gesto ou ação, para, a partir daqui, corrigir com mais eficácia
7. Intervir com os alunos no sentido da superação das suas capacidades e empenho na aula	✓ Observação das aulas dos colegas estagiários, do orientador e, se necessário, de outros professores da escola.
8. Utilização de auxiliares de ensino	✓ Experimentar a utilização de outros recursos na aula.

## 1.2. Caraterização do Contexto

### 1.2.1. Realidade Escolar

Hoje, ao contrário de outrora, a escola deve adequar-se ao meio, incentivando a participação da comunidade. Num mundo em permanente mudança, a Escola não pode continuar a desempenhar o mesmo papel de há décadas atrás, uma Escola que se preocupava essencialmente em preparar cidadãos para toda a vida.

Neste universo de mudança, a Escola precisa de acompanhar essa evolução e deve procurar formar adultos capazes de construir o seu conhecimento ao longo da vida e de se adaptarem a novas realidades. Assim, qualquer professor que esteja integrado numa dada realidade escolar, deverá possuir um conhecimento superior sobre a escola e o meio em que se encontra envolvido, por tratar-se de um factor fulcral que possibilitará certamente uma melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Desenvolvi o meu estágio pedagógico na Escola E.B. 2, 3 / S. Dr. Daniel de Matos, situada em Vila Nova de Poiares, sede de concelho, distrito de Coimbra. Este concelho constituído por quatro freguesias é tipicamente rural, tendo como principal atividade a vertente agrícola. O artesanato e a gastronomia são as atividades que dão maior reconhecimento à vila e ao seu concelho.

A Escola E.B. 2,3 Dr. Daniel de Matos, é um estabelecimento público, exclusivamente de carácter escolar. É capacitada de boas instalações e de uma comunidade estudantil nada problemática o que reverte a favor do processo de ensino – aprendizagem. Dispõe de 43 salas de aula distribuídas por 5 pavilhões (A, B, C, D e Polivalente), onde também se encontram os serviços de reprografia, papelaria, cozinha, sala dos professores e um centro informático. Os graus de ensino lecionados abrangem o 2º e 3º Ciclos e o Secundário (desde o 5º ano até aos 12º ano). No que concerne à disciplina da Educação Física, existe a necessidade de espaços específicos para se realizar. Para a sua prática, os professores desta disciplina têm à sua disposição dois espaços: o Exterior (contempla campos desportivos de Futsal, Basquetebol e Andebol além da pista de atletismo) e Interior (pavilhão gimnodesportivo). É da interação entre os alunos e destes com os equipamentos que se produzem as aprendizagens nesta área.

Os alunos, no meio escolar, vivenciam todos os dias uma variedade de relações interpessoais, tanto com os professores como com os outros alunos. Fora deste contexto os alunos têm vivências e meios próprios, o que os torna diferentes entre eles. Estes aspetos poderão influenciar positiva ou negativamente o seu comportamento ou rendimento escolar. Todas as informações sobre toda uma realidade escolar devem ser do conhecimento do professor e analisadas para que possam servir como um precioso auxiliar educativo no processo ensino / aprendizagem, no intuito de encontrar estratégias de intervenção adequadas à

situação real dos alunos, indo ao encontro das suas necessidades e tirando o máximo proveito das características de algum aluno, em particular, ou do grupo, em geral.

A função do professor ultrapassa em larga escala a lecionação de aulas. Existe todo um conjunto de variáveis que o professor, ao longo da sua carreira profissional, tem necessariamente de conhecer. A realidade escolar em que se encontra é um exemplo disso mesmo.

### **1.2.2.O Grupo de Educação Física**

Este grupo que pertence ao Departamento de Expressões coordenado pelo professor Alberto Dionísio, é constituído por seis professores (Marco, Mónica, Tila, José Pedro, João, Sónia) e pelos três alunos que integram o Núcleo de Estágio (eu, Catarina, Rui).

A existência deste grupo foi determinante para a nossa integração no meio escolar, uma vez que foi através dele que fomos conhecendo pessoalmente todo o corpo de docentes que leciona na escola. O grupo de educação física, constituiu igualmente um pilar bastante importante para que o nosso processo de estágio decorresse da melhor forma possível, demonstrando estar sempre disponível para nos ajudar naquilo que fosse necessário. A constante interação protagonizada entre todos os membros que constituem o grupo sobre vários temas relacionados com a disciplina que todos lecionamos e não só ao longo de todo o ano letivo, contribuiu substancialmente para que a nossa formação durante este ano de estágio saísse mais fortalecida.

Sobre este grupo devo ainda referir, que sempre nos respeitaram, tratando-nos como verdadeiros colegas.

Foi minha intenção desde que começou o estágio pedagógico, estar o mais integrado possível nos meandros da prática docente e na escola. Assim sendo, participei em todas as reuniões e atividades desportivas desenvolvidas por este grupo.

### **1.2.3. O Núcleo de Estágio**

O núcleo de Estágio formou sem sombra de dúvida o pilar principal deste processo de estágio. Ele é constituído pelo orientador da escola (Professor Marco Rodrigues), por mim e pelos dois colegas e amigos (Rui Queirós e Catarina Jacinto).

A amizade é das coisas que dou mais valor na vida e, quanto a isso, posso afirmar que esse afeto manteve-se sempre, fortalecendo-se ainda mais à medida que o tempo ia passando, perpetuando-se certamente para o futuro. A existência de um clima muito saudável foi uma constante como não poderia deixar de ser. Segundo Simone Weil, “a amizade não se procura, não se sonha, não se deseja; ela exerce-se”.

Uma das minhas pretensões, foi desencadear uma participação muito ativa neste grupo para que pudesse aumentar substancialmente os meus conhecimentos, perspetivando uma evolução permanente na minha formação como sucedeu. Sempre que estabelecíamos as nossas reuniões informais acerca do nosso trabalho, existiu incessantemente um forte espírito crítico no seio das nossas discussões, o que nos permitiu saber guiar o nosso trabalho convenientemente.

Realizando uma retrospetiva do papel exercido por todos, julgo que cada um esteve à altura das suas responsabilidades, sendo uma consequência disso mesmo, o bom trabalho de grupo que na minha ótica desenvolvemos.

### **1.2.4. Os professores Orientadores**

Um estágio pedagógico é sinónimo de avaliação. Avaliação, essa, realizada pelo professor orientador da escola, Mestre Marco Rodrigues, que sempre nos acompanhou durante o ano letivo, e pela professora supervisora da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Mestre Maria Rodrigues, que como o próprio nome indica supervisiona o trabalho dos estagiários e teve um papel de ligação entre a universidade, escola, orientador e estagiários. São

eles que coordenam o nosso trabalho, são eles que nos observam, criticam (positivamente ou negativamente), nos elogiam, nos motivam, nos avaliam; São pessoas que não vou esquecer.

O Orientador foi incansável em todos os momentos do estágio. Revelou-se um professor ativo, coerente, responsável, amigo, imparcial perante os estagiários e acima de tudo muito competente. Sempre acreditou em nós, deu-nos liberdade de pensamento, foi um verdadeiro professor, aprendi muito na teoria e na prática. Deu-nos as “pistas” para encontrarmos o caminho certo, foi fundamental no processo ensino/aprendizagem, incansável na parte pedagógica, imprescindível nos domínios sócio - afetivos. Levo-o para sempre como uma referência para a minha vida profissional e pessoal. Resta-me dizer um “obrigado” muito grande por tudo.

A Supervisora apesar de não ter um contacto permanente com o núcleo de estágio, também contribuiu de forma positiva para o estágio pedagógico que desenvolvi pela sua orientação e apoio. As reflexões conjuntas que fomos realizando no final das aulas que pode supervisionar, revelaram-se igualmente bastante importantes para a evolução da minha formação.

### **1.2.5. Relação Professor / Alunos**

Relativamente a este ponto, a relação humana que mantive com os alunos foi excepcional. Mesmo sabendo que era um professor estagiário de Educação Física, os alunos respeitaram-me e colaboraram comigo desde o primeiro contacto que tive com eles. Este facto, obviamente traduz que o trabalho que desenvolvi foi imensamente respeitado, deixando-me particularmente satisfeito.

Foi um enorme prazer poder lecionar aulas durante este ano letivo à turma C, do oitavo ano de escolaridade, porque para além de os alunos se comportarem geralmente bem, respeitando o professor, esta turma fez-me sentir plenamente bem enquanto estou a exercitar a prática de docente. A sua disponibilidade em aprender todos os ensinamentos do professor acerca das matérias lecionadas foi uma constante.

Enquanto professor estagiário desta turma, senti, a cada dia passado que a relação pedagógica professor – aluno ia melhorando. Na minha perspectiva, se formos claros e concisos naquilo que pretendemos fazer, e se respeitarmos a individualidade e as ideias de cada aluno, eles vão sempre colocar-se do nosso lado e respeitar o nosso trabalho. A constante comunicação de forma afável que promovo com a turma, dentro e fora do contexto das aulas proporcionou o aprimorar da nossa relação.

A turma é excelente a nível relacional. Posso mesmo referir, que com alunos destes, a motivação na participação deste estágio ficou mais solidificada, pois as únicas dificuldades que existiram foram aquelas que coloquei aos alunos no âmbito das aprendizagens a serem adquiridas.

Com os alunos aprendi coisas que se aprendem, mas não se ensinam, todos eles eram diferentes, mas igualmente importantes.



## **2. EVOLUÇÃO OPERADA NO ESTÁGIO**

### **2.1. Planeamento do Ensino da Turma**

O planeamento do professor é um dos temas centrais na área dos processos de pensamento do professor. Em primeiro lugar, porque a conceção e estruturação do ensino / aprendizagem é um processo pessoal, íntimo e mental por excelência; segundo, porque o planeamento docente constitui um interface entre currículo e ensino (Clark e Yinger, 1987), quer na dimensão do “currículo percebido”, quer na dimensão normativa e formal – o programa escolar e demais normas de funcionamento escolar. Deste modo, o planeamento é o processo pelo qual os docentes aplicam os programas escolares, cumprindo a importante função de desenvolver e adaptar às condições do cenário de ensino – características da população escolar e do meio envolvente, do estabelecimento de ensino, e dos alunos das diferentes turmas. (Clark & Yinger 1979).

Por esta razão, o conceito de Desenvolvimento Curricular também pode ser encarado a um nível micro, ao nível das atividades do professor: tradução das normas pragmáticas, sua aplicação às características do meio social, da escola e dos alunos, e o planeamento e desenvolvimento dos processos formativos conducentes à consecução das metas educativas. Toda a conjuntura do planeamento de ensino para a turma, começou por desenvolver-se assim que se iniciou o ano letivo sob proposta do orientador Marco Rodrigues. Esta tarefa consistiu num trabalho que comportou vários níveis de planeamento e, nesse sentido, as primeiras tarefas que eu e os meus colegas de estágio tivemos nessa fase pré-interativa (antes de iniciarem as aulas), foram: análise do programa do 3º ciclo de escolaridade, caracterizações (escola, meio e turma), seleção dos objetivos e das matérias a lecionar, planeamento anual acompanhado da sua justificação e um documento sobre a avaliação para o ano letivo em vigor. A elaboração destes documentos, objetivaram um ensino de qualidade, resultante de um bom planeamento e preparação com base na prescrição de linhas orientadoras para a organização do processo pedagógico.

Das tarefas até então realizadas, devo referir que a elaboração do planeamento anual referente a este ano letivo, teve em conta o sistema de “roulement” estabelecido pelo grupo de Educação Física, levando-me a programar a lecionação de cada matéria em consonância com o espaço (exterior ou interior) disponível para o efeito. Este foi um aspeto levado por mim em conta, de modo a garantir a exequibilidade do planeamento.

Findadas as primeiras tarefas de forma bastante pensada e cuidada, procedi à realização de outros documentos de apoio e não menos importantes à ação do professor. Iniciei a elaboração das unidades didáticas sobre as matérias que iria lecionar ao 8ºC (Atletismo, Futsal, Patinagem, Voleibol, Ténis, Dança, Ginástica, Orientação) que serviram de base para a preparação das diferentes aulas e fui igualmente elaborando previamente os planos para cada aula agendada que são o elemento de aplicação pedagógica direta numa fase interativa, ou seja, no momento da realização da aula. Esta última dimensão, caracteriza-se, para além de constituir planos de curto prazo de realização, por serem desenvolvidas como uma tarefa predominantemente individual, ao contrário de outras que dizem respeito ao grupo de estágio e de Educação Física.

Evidentemente, que o planeamento elaborado era suscetível de ser alterado, visto que existe um leque de variáveis que não podemos controlar e que proporcionam a determinado tipo de ajustamento.

### **2.1.1. Plano Anual**

O planeamento anual concebido para o 8ºC na disciplina da Educação Física traduziu-se num método de previsão, organização e orientação do processo ensino-aprendizagem, revelando-se como um instrumento didático essencial para a realização deste processo, no sentido de facilitar as decisões a tomar, para alcançar os objetivos a que se propõe.

Desta forma, a base que sustentou o seu desenvolvimento teve em contemplação diversos e variados aspetos, nomeadamente o programa nacional de

EF (3º ciclo) do Ministério da Educação, as condições materiais e espaciais da escola sem esquecer o sistema de “roulement definido pelo grupo de EF, o calendário escolar, a opinião do meu orientador pedagógico, as necessidades e o meio envolvente dos alunos.

Contemplei no planeamento anual, de forma clara e concisa as datas com os conteúdos para o decorrente ano, o número de aulas previstas a serem lecionadas para cada matéria de ensino e o espaço em que se vai decorrer a aula (pavilhão / exterior).

A escolha das matérias, para além de ter como base o programa nacional de EF respectivo ao 3º ciclo de escolaridade do Ministério da Educação Português, foram fundamentais as informações prestadas pelo meu orientador de estágio e a sua opinião no que concerne às matérias nucleares que deveríamos dar, de modo, a que não se tornem repetitivas com as aprendizagens do ano anterior. Assim, desde logo, chegamos a um consenso sobre as matérias nucleares a serem lecionadas à turma que me foi atribuída, foram elas: o Atletismo, Voleibol, Futsal, Patinagem, Ginástica de Solo e Ténis ... perfazendo um conjunto de seis matérias. Contudo, o professor deu ainda a possibilidade de escolher mais uma ou duas matérias alternativas passíveis de serem lecionadas durante o ano e, optei, por escolher duas: Dança e Orientação. Recaiu esta escolha, por ter tido a pretensão inicial de adquirir uma óptima experiência e consequentemente contribuir para o enriquecimento da minha formação.

Como já referi anteriormente, o grupo de professores de EF definiu um sistema de roulement, que consiste na alternância de espaços a cada duas semanas, ou seja, durante esse período de tempo o professor leciona as suas aulas no exterior e, posteriormente, lecionará outras duas semanas no pavilhão, ou vice-versa, promovendo uma rotação entre espaços “indoor” e “outdoor”. Esta situação, proporcionou a que as abordagens das várias matérias presentes no plano fossem determinadas pela rotação da turma do 8ºC pelos espaços de aula, estando circunscritas ao bloco de aulas que lhe são distribuídas.

De acordo com o planeamento elaborado para o corrente ano letivo, foi perceptível uma predominância da aprendizagem distribuída da prática no tempo, o que faculta a uma revisão plena de matérias já lecionadas ao longo de um certo período de tempo do calendário escolar, ajudando à consolidação das

aprendizagens dos alunos. A predominância desta aprendizagem, está automaticamente relacionada com um conjunto de situações já evidenciadas neste ponto, entre elas o roulement, que teve influência direta para este tipo de aprendizagem espaçada.

A elaboração do planejamento anual, serviu como ferramenta de apoio à minha lecionação para todo o ano letivo, permitindo-me desencadear as minhas ações de maneira mais rápida e eficaz.

### **2.1.2. Unidades Didáticas**

*“As unidades didáticas, constituem unidades fundamentais e integrais no processo pedagógico e apresentando aos professores e alunos etapas claras e distintas de ensino e aprendizagem”*

(Bento, 1986)

O planejamento das Unidades Didáticas foi o ponto de partida para o processo ensino-aprendizagem, estabelecendo objetivos por etapas que visaram facilitar a minha ação enquanto professor e a aprendizagem dos alunos do 8ºC. As unidades são a substância do projeto curricular descrito no Plano Anual.

O seu processo de elaboração não foi tarefa fácil devido à morosidade que cada uma proporciona, pois são documentos bastantes complexos que devem ser construídos cuidadosamente em função das características da minha turma. Todavia, o produto final da sua elaboração, contribuiu substancialmente para facilitar todo o processo de ensino-aprendizagem caracterizando-se como um bom auxílio para direcionar as minhas lecionações em torno dos objetivos estabelecidos.

A estrutura escolhida pelos três estagiários para procedermos à elaboração das unidades didáticas foi proposta pelo nosso orientador de estágio e teve como objetivo essencial proporcionar uma rápida consulta da planificação realizada e concretizar a intencionalidade do ensino através de uma análise do envolvimento e

do nível dos alunos. Nas sua estrutura estão contemplados itens relacionados com: a caracterização e estrutura de conhecimentos da matéria bem como a caracterização dos recursos disponíveis; um relatório da avaliação diagnóstica (onde se incluem os procedimentos e instrumentos utilizados); seleção de objetivos, para ficar claro a articulação entre programa e opções que derivam da avaliação inicial; estratégia de abordagem para a Unidade, em função do nível dos alunos; extensão e sequência de conteúdos, por aula, onde estão contemplados ainda: objetivos, conteúdos, função didática; avaliação diagnóstica com análise, formativa e sumativa com análise; progressões pedagógicas referentes aos conteúdos selecionados; reflexão final, onde foi realizada uma avaliação dos resultados obtidos, bem como do desempenho (nos mais diversos níveis) de todos os intervenientes no processo.

O facto de termos realizado as avaliações diagnósticas logo no início do ano letivo e similarmente na primeira aula destina a cada unidade didática permitiu ter o tempo necessário para a sua elaboração.

À exceção da unidade didática de dança que se desenvolveu seguidamente, a abordagem às restantes unidades foi procedida de maneira intercalada o que proporcionou a que os alunos pudessem estar devidamente motivados para a prática da disciplina, inibindo assim a monotonia e a rotina que se acumula com um ensino concentrado e com a vantagem dos alunos fazerem um transfer de conhecimentos entre as várias modalidades, o que facilita na minha perspetiva as suas aprendizagens.

A componente prática é uma parte com um peso maior na avaliação dos alunos, mas a componente cognitiva e socio-afetiva também pertence aos parâmetros avaliativo e deve ser logicamente ressalvada. Assim, em todas as aulas foi meu objetivo transmitir todas as matérias e os seus conteúdos de forma clara e objetiva, bem como proporcionar momentos em que fosse solicitado o sentido de cooperação e coesão entre os alunos, obrigando-os a respeitarem os outros e a si próprios.

A análise profunda a todas as aulas lecionadas e os constantes feedback's prestados pelo meu orientador e colegas de estágio que observaram as minhas aulas, foram fulcrais para que o rumo destinado para as unidades didáticas desenvolvidas fosse o mais assertivo. Estas unidades didáticas ajudaram claramente a garantir o sucesso de ensino – aprendizagem em cada matéria.

Saliento ainda, que foi necessário adaptar a extensão e sequência dos conteúdos de cada Unidade Didática em virtude das aprendizagens dos alunos e de ter aproveitado algumas aulas livres que disponha em cada período para aumentar o número de horas para a lecionação de quase todas as unidades didáticas.

### **2.1.3. Planos de Aula**

Os planos de aula constituem um contributo fundamental para que o processo de ensino-aprendizagem decorra de modo eficaz e com o sucesso desejado, evitando assim situações de improvisação.

Uma aula não planeada pode estar automaticamente condenada ao fracasso, influenciando negativamente as aprendizagens dos alunos. Nesse sentido, para cada aula elaborei previamente, um plano com referência aos vários elementos do currículo incluindo todos os objetivos da aula, descrição de tarefas propostas com os respetivos objetivos específicos e critérios de êxito, tempo de cada parte da sessão e de cada tarefa, estratégia organizativa, material necessário à aula. A estrutura do plano de aula pelo qual me foi permitido conceber o meu planeamento para a fase interativa, foi deliberada em conjunto com o professor orientador e os estagiários.

A experiência que já trazia do outro ano em que desenvolvi o meu estágio pedagógico ao 2º ciclo, ajudou-me a estar já razoavelmente familiarizado com a prática da sua elaboração. Cada plano foi pensado com o intuito de promover o máximo de tempo de prática aos alunos, em função de exercícios ajustados à turma e em consonância com os objetivos da aula. A consulta sistemática das unidades didáticas consistiu num bom auxílio na realização dos planos. Penso que cheguei rapidamente aquilo que era pretendido pelo meu orientador.

O plano de aula nunca foi um documento de consulta durante a aula, mas a sua elaboração ajudou-me sempre na organização e dinâmica da aula. O planeamento que fui realizando foi maioritariamente cumprido conforme o desejado, mas ressalvo que existiram ajustamentos na fase interativa sempre que se justificou.

Depois de lecionada a aula, procedi à realização de uma reflexão crítica para que pudesse caracterizar a atividade da aula; identificar e analisar os fatores que

determinaram o sucesso ou insucesso da atividade das aulas; perceber os efeitos das mesmas, identificando os resultados obtidos pelos alunos associando-os aqueles que estipulei para cada unidade didática. Este tipo de reflexões presentes em cada plano, foram fundamentais para perseguir o sucesso das aprendizagens dos alunos e evoluir no âmbito das minhas ações pedagógicas.

## **2.2. Realização**

A realização consiste na intervenção do professor durante a ação e assume-se como a fase interativa do processo de ensino – aprendizagem, devendo-se desencadear com base naquilo que se fez no período da fase pré-interativa, a do planeamento. Na realização do ensino da Educação Física, a aula constitui o elo decisivo do processo de educação e formação. Tal como nas outras disciplinas a aula representa, em Educação Física, a unidade pedagógica e organizativa básica e essencial do processo de ensino. Constitui o verdadeiro ponto de rotação e pensamento da ação do professor (Drews, Fuhrmann, 1980 e Baeskau, 1984).

Elaborado o plano anual, o professor tem de se confrontar com a sua aplicação, a qual se materializa no período destinado a cada aula, em concordância com os princípios pedagógico-didáticos gerais e universais para todo o ato de ensino.

Este constitui o momento, por excelência, de operacionalização do professor subjacentes à organização do processo de ensino – aprendizagem. Da forma como o professor organiza e gere o tempo de aula, dos exercícios que leciona e do tipo de comunicação que estabelece com os seus alunos dependem, em grande parte, os resultados obtidos pelos mesmos, no processo de aprendizagem.

Segundo Mesquita, I. (1997), nesta etapa, o professor deve realizar as seguintes tarefas: apresentar os conteúdos de aula (explicar e demonstrar), observar, corrigir, organizar e controlar todo o processo de ensino de ensino – aprendizagem.

Siedentop (s/d), refere que a instrução, gestão, clima e disciplina são as dimensões de intervenção pedagógica que o professor deverá ter constantemente presentes e sob o seu domínio. Será focado nessas mesmas dimensões, assim como nas minhas decisões de ajustamento que abordarei neste ponto a ação por mim desenvolvida enquanto professor estagiário.

### **2.2.1. Instrução**

Segundo Amândio Graça (2006), o termo instrução aparece frequentemente confinado às intervenções verbais do professor relativas à transmissão de informação, às explicações, diretivas, chamadas de atenção, acompanhadas ou não de demonstração. Porém, numa definição mais ampla e mais compreensiva, a instrução é melhor entendida, não como uma ação discreta, mas antes como um processo interativo entre professores e alunos ao longo do tempo, em torno de um determinado conteúdo, num contexto social concreto (Cohen, Raudenbush & Ball, 2003; Kansanen, 2003).

O processo de instrução tem como incumbência específica o desenvolvimento da competência num determinado domínio de conteúdo, que se consubstancia na apropriação de conhecimentos e habilidades e no desenvolvimento de capacidades e disposições ou atitudes relacionados com o conteúdo de instrução. Nesta medida, a capacidade de um programa, diz respeito à sua capacidade de gerar aprendizagem e de promover o desenvolvimento dos sujeitos que nele participam. A capacidade da instrução não resulta unilateralmente da ação do professor, da qualidade intrínseca dos modelos de instrução, materiais e tarefas selecionados para a aula ou da capacidade e ação dos alunos, mas na otimização da coordenação destes elementos.

O primeiro e mais importante filtro que se coloca à viabilidade de qualquer instrução é o professor, com as suas crenças sobre o que os alunos podem e devem aprender, as suas conceções e preferências relacionadas com a matéria e a pedagogia, a sua atitude profissional, o seu conhecimento e a sua capacidade didática. Enquanto mediador entre os materiais curriculares e o aluno, o professor,



ocupa uma posição de charneira na construção da capacidade de instrução de um programa. O acolhimento que dá e o modo como interpreta as orientações para o ensino prescritas nos programas oficiais ou sugeridas nos modelos instrucionais vão influenciar o trabalho na aula, as oportunidades de aprendizagem dos alunos (Cohen & Ball, 1999).

No processo de instrução, o professor avalia as necessidades, os interesses e as capacidades dos alunos; concebe, seleciona e adapta atividades, tarefas e exercícios para concretizar os objetivos de aprendizagem, otimizando os recursos disponíveis; apresenta tarefas, dá explicações, comunica expectativas e exigências sobre o que deve ser feito e como deve ser feito; apoia o confronto dos alunos com as tarefas de aprendizagem; estimula, supervisiona, orienta, regula, avalia o empenhamento na atividade e o rendimento dos alunos.

No âmbito da minha ação em relação à instrução, tudo o que foi referido pelos autores citados foi tido em consideração. Desde o início do ano, pretendi guiar a minha ação no sentido de proporcionar uma instrução de qualidade, nomeadamente nas preleções, no feedback, demonstrações e questionamentos. Dentro destas quatro categorias que integram a instrução, foi na emissão de feedbacks que no início do ano letivo senti que poderiam ser melhores conseguidos perspetivando o progresso dos alunos, apesar de promover inúmeros feedback's em todas as aulas. Dou ênfase ao feedback, porque penso que numa fase inicial, promovi maioritariamente a emissão de feedbacks de reforço e nem sempre fechava os seus ciclos. À medida que o tempo ia passando, penso que melhorei ao nível da qualidade de feedback, emitindo-os com mais conteúdo, tendo, igualmente, mais atenção com os pormenores.

O facto de ser um bom comunicador, de estar perfeitamente à vontade no desempenho do meu papel, de ter um bom domínio prático e também teórico de quase todas as matérias lecionadas à exceção de dança e ginástica e de conseguir realizar uma projeção de voz bastante audível, permitiu-me na minha ótica, promover instruções com a qualidade desejada que facilitaram posteriormente o bom desenvolvimento dos exercícios propostos.

### **2.2.2. Gestão**

A gestão eficaz de uma aula consiste num comportamento do professor que produza elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades das aulas, um número reduzido de comportamentos inapropriados, e o uso eficaz do tempo de aula.

O professor, seja ele de que disciplina for, é um gestor por excelência, de recursos humanos, materiais, espaciais e temporais. Os ganhos de aprendizagem estão intimamente dependentes do tempo passado na tarefa bem como da quantidade máxima de tempo de atividade motora passada em atividades específicas (Piéron,1988).

A gestão pedagógica protagonizada por mim desde o início do ano, foi pensada desde logo, ainda na fase do planeamento, permitindo-me desencadear práticas de boa gestão da aula e dos alunos desde o início do ano. Em virtude da experiência que já trazia do ano em que estive a lecionar Educação Física, já sabia de antemão que para obter uma gestão de aula com a qualidade que se pretende para a disciplina lecionada, deveria ter em conta os seguintes aspetos básicos: colocar o material necessário à aula antes desta se iniciar, apostar em rotinas específicas, instruções pouco demoradas, transições rápidas, definir sinais de atenção, entre outras variáveis. Paralelamente aos aspetos que referi, seria fundamental realizar um bom controlo emocional e gerir convenientemente o comportamento dos alunos e das situações de aprendizagem. Tudo isso penso que foi colocado em prática, constituindo uma vantagem para as minhas aulas, possibilitando um elevado tempo de prática para o tempo útil disponível.

Para proporcionar um bom fluxo das aulas, verifiquei constantemente ao longo do ano, que os alunos quase sempre se encontravam a tempo e horas para iniciar a aula revelando inúmeras vezes alguma ansiedade; ouviam atentamente o professor enquanto instruía ou demonstrava qualquer tarefa proposta; adquiriram as rotinas de organização estipuladas pelo professor e ao procedimento de transições rápidas, sendo ainda constatado da minha parte que os alunos efetivamente fizeram um esforço veemente para realizarem as tarefas de aprendizagem.

A boa organização da aula, das tarefas e dos alunos associadas ao sentido de liderança que demonstrei, contribuíram decisivamente para uma boa gestão da turma.

### **2.2.3.Clima / Disciplina**

Considero que estes dois temas “clima” e “disciplina” estão intimamente ligados quando são relacionados com a disciplina de Educação Física, logo torna-se pertinente abordá-los em conjunto.

Se pensarmos que o controlo da classe passa, óbvia e necessariamente, por uma eficaz coordenação das relações interpessoais, ou seja, por um conjunto de condições relacionais que se intensifiquem a manutenção dos comportamentos apropriados, fácil se torna entender que estes dois temas incluam os aspetos da “forma de estar” e da “interação intra -grupos”.

Tem-se aceite que a disciplina assume aspetos importantes não só no sentido de uma evolução normal da maturação individual, mas também no que respeita ao controlo emocional em situações que exigem auto - confiança, persistência e tolerância à frustração. Para que a aula decorra num clima agradável e propício à aprendizagem é necessário que exista uma forte presença do professor, assegurando que cada aula decorra dentro da disciplina conhecida por todos e com um clima positivo. Foi nessa perspetiva que tentei permanentemente desenvolver a minha intervenção pedagógica.

A disciplina não é só o resultado da eficaz aplicação de técnicas de controlo disciplinar, mas também é o resultado da organização e gestão da atividade, da competência com que é aplicada e também do clima relacional em vigor.

Desde a primeira aula, que o desenrolar das minhas aulas pautaram-se por ter um clima adequado às aprendizagens promovidas. A turma demonstrou sistematicamente uma atitude positiva em relação às tarefas propostas nas aulas, praticando-as na generalidade de forma conveniente, num clima de constante apoio e encorajamento da minha parte, criando-lhes desta maneira, estímulos para continuar a prática das tarefas que primaram por serem bastante dinâmicas e com

poucas paragens, permitindo que os alunos estivessem concentrados e empenhados, evitando assim alguma indisciplina. Porém, quando esporadicamente surgiu algum comportamento inapropriado por parte de algum aluno que condicionasse o bom funcionamento da aula, as repreensões foram feitas com firmeza, mas sem rudeza e emitidas logo após a sua deteção, ficando tudo resolvido no momento exato. Em todas as aulas, utilizei essencialmente interações positivas, dirigindo-me ao aluno pelo seu nome próprio criando um clima de confiança e motivando-o sempre para que atingisse os objetivos propostos. Realço também, que tive sempre o cuidado de ser imparcial não pondo de parte nenhum aluno.

Segundo Rosado (1998), a boa gestão da disciplina é o resultado de um bom ensino, produto da convergência de fatores variados: depende das boas relações afectivas existentes, do bom uso da autoridade, de uma boa organização e planificação do “curso”, da organização de sessões interessantes e adequadas ao nível de desenvolvimento dos alunos. Analisando esta conceção do autor sobre a boa gestão da disciplina, sinto que a minha intervenção pedagógica visou o que referiu este autor.

No âmbito das aulas lecionadas, penso que sempre criei um clima de aula perfeito para que a turma pudesse desenvolver as suas aprendizagens. O facto de ser amigo de todos os meus alunos, mas suficientemente disciplinador quando o momento o exige proporcionou a que nunca tivesse tido problemas que pudessem merecer destaque de relevo, constituindo para mim um enorme motivo de satisfação, podendo guiar todas as minhas ações de forma eficaz.

#### **2.2.4. Decisões de Ajustamento**

As decisões de ajustamento constituem ações importantíssimas para que o processo de ensino aprendizagem decorra como forma de corresponder às necessidades dos alunos ao longo de todo o ano letivo. Nesse prisma, o professor deve ser bastante perspicaz e oportuno para desencadear ações que visem o melhor para os alunos, seja ainda numa fase pré-interativa ou interativa com a turma.

Na minha perspectiva, qualquer planificação realizada é sempre passível de ser alterada, uma vez que normalmente surgem sempre variáveis que obrigam a determinadas alterações.

Foram ainda algumas as decisões de ajustamento que fui tendo durante o ano letivo, como por exemplo: no meu planeamento anual tinha programado aulas livres, mas decidi aproveitá-las quase todas para aumentar o número de aulas das unidades didáticas para que a turma pudesse consolidar melhor as suas aprendizagens; quando as aulas estavam programadas para o exterior e existiam más condições climatéricas, procedi à mudança do espaço de aula para o pavilhão gimnodesportivo, conseguindo que os alunos tivessem na mesma aula prática; os objetivos de cada unidade didática decidi ajusta-los de acordo com o nível dos alunos evidenciado na avaliação diagnóstica; sempre que faltavam alunos às aulas, logo na parte inicial da aula prontamente pensava numa solução para que a dinâmica dos exercícios se mantivesse e os objetivos específicos continuassem presentes; os planos de aula e os programas de avaliação foram ajustados de igual forma ao nível dos alunos; entre outras decisões que igualmente serviram para assegurar toda uma qualidade que o processo de ensino – aprendizagem requer.

Por conseguinte, todas estas decisões de ajustamento referenciadas no parágrafo anterior, assim como outras, transparecem que não devemos considerar qualquer tipo de planeamento (anual, de aula, ...) inalterável. Se o professor entender que deve proceder a algum ajustamento que seja vantajoso para as aprendizagens da turma deve prontamente fazê-lo.

No desenvolvimento da minha intervenção pedagógica, penso ter demonstrado uma capacidade excepcional de decisão e ajustamento para corresponder com a eficácia desejada perante situações imprevistas, salvaguardando todos os objetivos definidos e toda a linha condutora programada para as aulas que foram susceptíveis desses ajustamentos.

### 2.3. Avaliação

A avaliação não é algo de dimensão única, quer do ponto de vista da sua conceptualização e das suas práticas, quer do ponto de vista dos seus usos sociais e dos valores que veicula. A complexidade e a diversidade dos campos e dos objetos de avaliação, proporcionam a que atualmente possa ser conceptualizada de uma forma bastante alargada. Os autores que estudaram a avaliação ao longo dos tempos, apresentam uma pluralidade de conceitos sobre a avaliação causando uma problemática quanto à sua definição, mas praticamente todos eles referem que a avaliação é um processo.

Landshere (1979), define a avaliação como “um processo sistemático com o objectivo de determinar em que medida os objetivos educativos são atingidos”. Mais tarde, Stufflebeam e Shinkfield (1993), consideram que a “avaliação é um processo de identificação, recolha e apresentação de informação útil e descritiva acerca do valor e do mérito das metas, da planificação, da realização e do impacte de um determinado objeto, com o fim de servir de guia para a tomada de decisões, para a solução dos problemas de prestação de contas e para promover a compreensão dos fenómenos envolvidos.” Já Grolund (s/d), entende-a como um “processo sistemático com o objetivo de determinar em que medida os objetivos educativos foram atingidos”. Por sua vez, Ribeiro, L. (1999), diz que a avaliação é uma operação descritiva e informativa nos meios que emprega, formativa na intenção que lhe preside e independente face à classificação.

Essencialmente, a avaliação, é um elemento integrante e regulador da prática educativa, que permite uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.

Um aspeto fundamental para a ação do professor no processo avaliativo é saber igualmente quais são as funções da avaliação seja em Educação Física ou em qualquer outra disciplina. Para Cardinet (1983), são três as funções pedagógicas da avaliação: a de seleção ou orientação da evolução futurodo aluno (avaliação de diagnóstico e prognóstico); de regulação dos processos de aprendizagem (avaliação formativa); e certificação ou validação de competências (avaliação sumativa) cujo âmbito principal da avaliação em educação objetiva a aprendizagens dos alunos.

Uma das competências profissionais de maior importância na atividade dos docentes de Educação Física é a sua capacidade de colocar a avaliação ao serviço da aprendizagem.

O processo de avaliação na turma do 8<sup>o</sup>C foi realizado tendo em conta todos os requisitos exigidos pelo grupo da disciplina.

Antes de cada momento de avaliação final da unidade didática conversava com os alunos, de forma a mantê-los à vontade e tentando inibir o nervosismo, dizendo que este tipo de aula serve apenas para avaliar um ou outro aluno que escapou a minha observação e se porventura esta aula não lhes corresse de feição para não ficaram preocupados, pois a avaliação é contínua, ou seja, é efetuada em todas as aulas.

Nas aulas de avaliação tive o cuidado de não me focar em demasia na avaliação, pois estaria a desperdiçar uma aula em que podia ensinar mais coisas aos alunos, em vez de estar pura e simplesmente a avaliar os alunos um a um. Assim mantive uma postura bastante interventiva nas aulas, e para quem assistisse de fora não dava conta de que se tratava de uma aula de avaliação.

Os alunos foram avaliados nos três domínios: sócio - afetivo, psicomotor e cognitivo, tendo cada um destes domínios um peso na nota final. O primeiro era avaliado tendo em conta um conjunto de comportamentos que o grupo de educação física considerou importante para a aula (assiduidade, pontualidade, higiene, sociabilidade), o domínio psicomotor avaliou o desempenho motor dos alunos nas diversas matérias e, o domínio cognitivo, consistirá no questionamento direto relativo aos conteúdos das aulas/exercícios e/ou da sua prática efetiva, verificando a aquisição e compreensão dos conhecimentos, bem como a capacidade dos alunos no acompanhamento da crescente complexidade das aprendizagens.

Foram três os tipos de avaliação utilizada: Diagnóstica, Formativa e Sumativa. São três tipos de avaliação que se complementam entre si, não dispensando qualquer delas nenhuma das outras, com efeito servem funções distintas e a momentos distintos, isto porque as principais tarefas avaliativas têm lugar quando queremos saber o que é que os alunos estão aptos a aprender, quando pretendemos saber se os alunos caminham na direção dos objetivos estabelecidos ou, quando surge a necessidade de avaliar o grau de realização dos objetivos.

## 2.4. Compromisso com as aprendizagens dos alunos

*“Se um professor não se preocupa nem tem por objetivo que os seus alunos aprendam, o seu papel é o de um animador ou organizador de atividades desportivas bem pago, com sorte consegue que os alunos se divirtam sem se prejudicar.”*

*Siedentop (1998)*

Para ser professor é necessário muito mais do que vocação, uma condição importante e necessária, mas não suficiente. É importante que os professores desenvolvam competências racionais e técnicas específicas de seu ofício, que se referem à responsabilidade com o seu trabalho e ao compromisso com a aprendizagem dos seus alunos.

De acordo com o Decreto-lei nº 240 / 2001, de 30 de Agosto *“o professor promove aprendizagens curriculares, fundamentando a sua prática profissional num saber específico resultante da produção e uso de diversos saberes integrados em função das ações concretas da mesma prática, social e eticamente situada”*.

Uma das minhas principais preocupações relacionava-se com o sucesso que pretendia para os meus alunos, logo desde o primeiro momento, o meu compromisso resumiu-se em oferecer-lhe todas as condições para que as suas aprendizagens fossem adquiridas com o maior êxito. Neste sentido, este compromisso foi sustentado com o máximo de profissionalismo, procurando promover uma diferenciação das aprendizagens, assumindo uma atitude inclusiva perante os diferentes alunos ao longo de todas as aulas que tive a oportunidade de lecionar. Para manter esse compromisso de “pé”, foi fundamental ter estabelecido uma ótima relação pedagógica com os meus alunos, em perfeita harmonia entre ambos e colocando-lhes sempre a par de todas as fases de aprendizagem em consonância com os objetivos traçados.

Para que o processo de ensino/aprendizagem fosse bem sucedido durante o estágio pedagógico, foram várias as estratégias e formas de aplicação utilizadas nas



três fases deste processo (planeamento, realização, avaliação). Por conseguinte, tentei procurar realizar um boa planificação do ensino ao nível do planeamento anual, caracterização da turma, extensão e sequência de conteúdos, programas de avaliação, unidades didáticas, planos de aula para que na fase da intervenção pedagógica (realização) protagonizada sobressaísse a qualidade e eficácia desejada. Neste processo, a avaliação assume-se como um pilar importante para este compromisso, uma vez que é ela traduz-se num elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.

Foi muito evidente a evolução operada pelos alunos nas várias matérias que lecionei (atletismo, futsal, patinagem, dança aeróbica, entre outras ...), conseguindo mesmo atingirem a maioria dos objetivos a que estavam propostos em função dos seus níveis, o que me leva a acreditar que o meu trabalho foi bem conduzido e o trilho para o sucesso das aprendizagens dos alunos esteve sempre salvaguardado.

## **2.5. Componente Ética – Profissional**

Segundo o guia de estágio do ano letivo 2011/2012 da FCDEF-UC, “a ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro do desempenho diário do estagiário (...)”. Desde que iniciei esta etapa, sempre estive ciente do quanto era fundamental guiar todas as minhas ações na comunidade escolar cumprindo à risca com todos os requisitos éticos e profissionais, pois é fundamental perceber que estou integrado numa comunidade escolar onde nela estão presentes os “homens do amanhã”.

Tenho a convicção que sempre me mantive bastante empenhado na minha tarefa de estágio, demonstrando-me muito disponível para aprender e melhorar a cada dia passado. Considero que me integrei completamente no meio escolar, estabelecendo um relacionando excelente com a comunidade escolar.

Particpei ativamente em várias atividades, quer do grupo disciplinar, quer da própria escola. A minha disponibilidade para qualquer tarefa que me fosse solicitada foi sempre total, pautando o meu desempenho evidenciando uma grande segurança e autoconfiança no desempenho de qualquer função docente.

Penso que por ser uma pessoa bastante comunicativa e bem disposta, tive igualmente muita facilidade em integrar-me e adaptar-me a qualquer situação no meio escolar. Sinto também que contribui ativamente para o bem estar do grupo de estágio, colaborando com os meus colegas e tentando animar sistematicamente o grupo de estágio.

Honestamente, estou convicto que patenteei um grande sentido de responsabilidade evidenciado em vários domínios, entre eles a assiduidade e pontualidade. Fui igualmente muito exigente com o meu trabalho e com o trabalho desenvolvido pelos alunos no sentido do progresso mútuo.

Em relação à minha capacidade de análise crítica / reflexiva, creio que revelou ser boa no que diz respeito a toda a atividade docente.

Em suma, o meu desempenho ético-profissional foi aquele que se exige a um professor digno da sua profissão.

## **2.6. Conclusões**

*“A primeira pessoa a acreditar no meu trabalho sou eu.”*

José Mourinho (Janeiro, 2002)

A experiência de lecionar Educação Física durante um ano letivo numa escola já tinha sido vivenciada na altura em que desenvolvi o meu estágio pedagógico com uma turma do 5º ano de escolaridade, no âmbito da minha licenciatura. Através da experiência daí trazida, já sabia o que me esperava, permitindo-me encarar este estágio pedagógico de forma tranquila e totalmente confiante.

Esta componente prática que o mestrado proporciona, permite que possamos “espremer” a formação teórica tida no ano transato, onde pude melhorar substancialmente os meus conhecimentos através de unidades curriculares, como: *Didática da Educação Física e do Desporto Escolar, Estudos Avançados de Desenvolvimento Curricular em Educação Física, Avaliação Pedagógica, Administração Escolar, etc..*

Tenho consciência que durante o estágio pedagógico desenvolvi e consolidei as minhas capacidades, qualidades e conhecimentos, tornando-me cada vez mais competente, valorizando e dignificando a profissão docente.

Foi notável a evolução desde o início do ano letivo até então, não só no que respeita à capacidade e qualidade na transmissão de conteúdos, mas também na aptidão pedagógica que se manifesta na relação professor / alunos, na postura na “sala de aula”, no à vontade e também na capacidade de compreender se os alunos perceberam ou não os conteúdos leccionados pelo professor.

Na conceção do planeamento, penso que consegui realizar os planos de aula em consonância com aquilo que o meu orientador pretendia. Numa fase inicial, por vezes não era muito sucinto na explicação das tarefas e conseqüentemente os planos de aula ficaram algo extensos. Através dos feedback’s dados pelo meu orientador, penso que comecei depois a elabora-los com aquilo que era pretendido por ele, evidenciando uma boa seleção de conteúdos e organização da aula, respeitando os pressupostos de carácter pedagógico-didáticos essenciais. No que concerne às unidades didáticas, tive algumas dificuldades em realizar o primeiro documento que se destinou à matéria de atletismo até porque não estava bem familiarizado com esta prática. Contudo, julgo que no geral, consegui elabora-las em consonância com aquilo que era pretendido, apresentando todos os pontos intrínsecos ao documento com clareza e sustentando as análises que nela constam com um bom poder de argumentativo.

No que diz respeito à minha intervenção pedagógica e organizacional, foram bastantes as aprendizagens que consegui atingir. Para um ensino eficaz tentei proporcionar aos alunos o maior tempo potencial de aprendizagem; manter o decorrer da aula sem interrupções nem quebras desnecessárias; manter a aula sem abrandar ou contrariar o ritmo da mesma; explorar o material disponível para uma exercitação simultânea; utilizar linguagem apropriada; realizar a supervisão ativa da

prática dos alunos; promover feedbacks de reforço positivo; completar o ciclo de feedbacks; conseguir lidar com mais de uma situação em simultâneo; utilizar sistematicamente a visão periférica, entre outras. Para tal, baseei-me nos aspetos considerados por Siedentop (1983) para um ensino eficaz.

No que diz respeito à condução das aulas, fui corrigindo e melhorando determinados aspetos. A melhoria na emissão do feedback foi um deles, emitindo-os com mais conteúdo. Ainda nesse âmbito, melhorei bastante num ponto que inicialmente não concretizava, que era o de verificar se os feedbacks surtiam o efeito pretendido (completar o ciclo de feedbacks).

Em relação à avaliação e controlo dos processos, implementei a metodologia proposta pelo meu orientador que consistia na realização do momento das avaliações em aulas normais de Educação Física, sem qualquer tipo de condicionamento da mesma pelo facto de ser de carácter avaliativo. Acho que me adaptei muito bem a este tipo de estratégia avaliativa. No âmbito das minhas auto-reflexões e dos colegas creio que também melhorei a minha capacidade crítica focando-me no essencial e de forma mais sucinta.

Por fim, uma referência para a minha atitude ético-profissional que visou total disponibilidade de aprender e de melhorar através do empenho nas tarefas de estágio para que pudesse atingir novas aprendizagens. Consegui integrar-me e relacionar-me muito bem com a comunidade escolar, participando ativamente em várias atividades realizadas na escola quer do grupo disciplinar ou da própria escola. A plena confiança demonstrada nas minhas capacidades para a realização de qualquer tarefa solicitada, permitiu-me encarar tudo o que era proposto com o máximo de tranquilidade e ao mesmo tempo com a certeza de que a ação no desempenho de qualquer função docente ir ser concretizada de forma segura, atingindo o sucesso pretendido. Consegui ainda ser exigente comigo próprio para obter o sucesso desejado para esta etapa e com o trabalho dos meus alunos, perspetivando uma evolução das suas aprendizagens, estando certo que isso foi atingido em todas as matérias que lecionei este ano letivo.

Devo salientar, que para atingir todas estas aprendizagens aqui referenciadas, apenas só foi possível na base da seriedade e responsabilidade manifestada por mim ao longo de todo este ano de estágio.

Para concluir, realço a necessidade de existir ao longo da minha vida profissional uma constante formação contínua, de modo a conferir novas competências e conhecimentos profissionais, fundamentais para responder ao longo dos anos futuros a todas as exigências que a profissão de professor de Educação Física exige.

### **3. APROFUNDAMENTO DO TEMA / PROBLEMA**

#### **3.1.Tema**

Educação Física Inclusiva: atitude do professor face aos alunos com necessidades educativas especiais.

#### **3.2. Enquadramento do Estudo**

A importância do papel do professor de Educação Física enquanto agente de mudança, favorecendo a compreensão mútua e a tolerância, nunca foi tão evidente como hoje em dia. Os professores têm um papel determinante na formação de atitudes, positivas e negativas, face ao processo de ensino-aprendizagem (Nunes, 2007). O tema escolhido para o desenvolvimento da área de estudo do Relatório Final de Estágio, surge como necessidade de conhecer atitudes dos professores de Educação Física em relação à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente (N.E.E.C.P.).

#### **3.3. Pertinência do Estudo**

Torna-se fundamental que todos os alunos, independentemente das suas capacidades motoras, tenham contacto com a disciplina de Educação Física tirando partido dos seus benefícios a nível social, cultural, cognitivo e motor. As suas aulas devem contemplar uma fonte de prazer e alegria, sempre aguardadas com grande vontade por toda a turma, mesmo por aqueles que por uma ou outra razão se vêm privados de algumas capacidades fundamentais que os tornam diferentes. Neste contexto, as atitudes do professor são fundamentais para que a integração e o sucesso das aprendizagens destes alunos possuidores de deficiência surta efeito.

Como tal, e atendendo à experiência que tive com um aluno N.E.E.C.P., considero extremamente pertinente proceder ao estudo do tema “Educação Física Inclusiva: atitude do professor face aos alunos com necessidades educativas especiais de caráter permanente”.

As aulas de Educação Física devem ser sinónimas de uma fonte total de inclusão para todos os alunos, proporcionando-lhes igualdade de oportunidades e o sentimento de bem-estar.

### **3.1. Revisão da Literatura**

#### **3.1.1. Conceitos**

##### **3.1.1.1. Educação Física**

Entenda-se por Educação Física o conjunto de atividades físicas que permitem, de forma harmoniosa e integral, a otimização da relação homem - corpo, ou então, “o treino que o homem realiza através de processos vários com o fim do desenvolvimento do seu todo corporal para que possa viver na sua capacidade máxima.” (Nash, Jay B., 1970).

O Dicionário de Língua Portuguesa definiu a Educação Física como “ a disciplina escolar que tem como objetivo promover o desenvolvimento de capacidades motoras e corporais através da prática desportiva.” Ou seja, o desporto tem vindo a assumir-se como o instrumento pedagógico e a própria substância da disciplina de Educação Física.

A Educação Física na escola, sendo a atividade obrigatória que é, abrange todas as crianças em idade escolar, contribuindo de várias formas para a educação dos jovens.

O objetivo da Educação Física é transmitir aos alunos uma cultura desportiva que lhes proporcione vantagens no domínio do biológico, do psicológico e do social, que se prolonguem para a vida. (Pires, G. 2002)

A prática desportiva escolar desenvolve-se através de modalidades/atividades desportivas, podendo cada uma delas ter uma dinâmica específica, em função do

grupo alvo, dos objetivos que se pretendem atingir, dos meios existentes e dos condicionalismos organizativos.

As atividades Físico/Desportivas realizadas no âmbito da pessoa com deficiência, e previstas no Programa do Desporto Escolar, com quadro competitivo não Nacional, ou seja, com outros formatos competitivos – CAE, são apenas o Goalball e o Boccia, embora, se encontrem escolas que possuam Grupos/Equipa de Desporto Adaptado, nos quais podem ser incluídos alunos com Necessidades Educativas Especiais, para além dos alunos portadores de deficiências Físicas e/ou mentais.

É incontornável, então, que compete ao Ministério da Educação criar condições para que todas as crianças e jovens tenham acesso ao Desporto, como instrumento pedagógico e educativo na sua formação (Freitas F., 2002) e não esquecer de reformular os programas de Educação Física de modo a incluir todos os alunos.

### **3.1.1.2. Educação Inclusiva**

"A Educação Inclusiva implica um processo contínuo de melhoria da escola, com o fim de utilizar todos os recursos disponíveis, especialmente os recursos humanos, para promover a participação e a aprendizagem de todos os alunos, no seio de uma comunidade local" (Ainscow, M. 1999).

Educação inclusiva é "um sistema de educação e de ensino onde os alunos com necessidades especiais, incluindo os alunos com deficiência, são educados na escola do bairro, em ambientes de salas de aula regulares, adequados à sua idade (cronológica), com colegas sem deficiência e onde lhes são oferecidos ensino e apoio de acordo com as suas capacidades e necessidades individuais".(Gordon Porter, 1999)

Para que uma escola seja considerada uma escola inclusiva, segundo o IIE (Instituto de Inovação Educacional), estas escolas têm de ser organizações de aprendizagem, em permanente construção e movimento, abertas a todos, onde todos aprendem juntos, quaisquer que sejam as suas dificuldades e que possam encarar a tarefa educativa com base numa abordagem curricular. Este processo deve basear-se nos princípios de que todo e qualquer aluno pode experimentar



dificuldades em algum momento do seu processo de aprendizagem e que estas dificuldades são encaradas como uma fonte de conhecimento e de aperfeiçoamento das práticas. A Escola Inclusiva deve tentar auxiliar, na medida do possível, a constituir um sujeito cidadão, para uma sociedade para todos.

Incluir é criar, criação no sentido das interseções de afetos, áreas, valores, conceitos, saberes e pessoas.

O facto de o portador de Necessidades Especiais estar incluído na escola, na aula, no meio, não significa que todas as suas limitações tenham sido superadas, pelo contrário, ele continua com elas e necessita que essas limitações sejam respeitadas e atendidas. Não deve ser visto isoladamente, mas sim como um ser que interage nas suas relações com os demais.

### **3.1.1.3. Atitudes**

O interesse pelas atitudes inicia-se desde muito cedo com os trabalhos de Pavlov e de Watson. Mais tarde, o seu estudo merece particular atenção de G. Allport (1897 – 1967). Se atentarmos no conceito de atitude verifica-se que é, em sentido lato, um comportamento, no sentido que todas as reações no homem podem ser abrangidas por este conceito mas, em sentido restrito, a atitude é um pré-anúncio de um comportamento, um construto hipotético, dizem alguns psicólogos, ou seja a expressão duma tendência ou inclinação para agir, mesmo antes do comportamento.

Octávio Gonçalves (2008), define atitude como uma “tendência ou predisposição adquirida e relativamente estável para agir, pensar ou sentir de uma determinada forma (positiva ou negativa) face a um objeto, pessoa, situação, grupo social, instituição, conceito ou valor.

Celeste Duque (1999), refere que “as atitudes são disposições favoráveis ou desfavoráveis relativamente a objetos, pessoas e acontecimentos, ou em relação a alguns dos seus respetivos atributos “. Segundo Eagly & Chaiken (1993), é a “tendência psicológica que se expressa mediante a avaliação de uma entidade (objeto) concreta com certo grau de favorabilidade ou desfavorabilidade”. Kardec

(1978) vai à origem da palavra, assim do latim *aptitudinem* atitude, através do italiano *attitudine* significa uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a grupos, questões, outros seres humanos, ou, mais especificamente, a acontecimentos ocorridos no meio circundante.

As várias definições, embora se afastem nas palavras utilizadas, tendem a caracterizar as atitudes sociais como sendo integradas por três componentes: o cognitivo, o afetivo e o comportamental.

O componente cognitivo é o objecto tal como conhecido. Para que se tenha alguma atitude em relação a um objeto é necessário que se tenha alguma representação cognitiva desse mesmo objeto. As crenças e demais componentes cognitivos (conhecimento, maneira de encarar o objeto, etc.) relativos ao objeto de uma atitude, constituem o componente cognitivo da atitude.

O componente afetivo é o objeto como alvo de sentimento pró ou contra. Para alguns psicólogos, este componente é o único característico das atitudes. Não há dúvida de que o componente mais nitidamente característico das atitudes é o componente afetivo. Nisto, as atitudes diferem, por exemplo, das crenças e das opiniões.

O componente comportamental é a combinação de cognição e objeto como instigador de comportamentos, dadas determinadas situações. A posição geralmente aceita pelos psicólogos sociais é a de que as atitudes possuem um componente ativo, instigador de comportamentos coerentes com as cognições e os afetos relativos aos objetos atitudinais.

#### **3.1.1.4. Alunos N.E.E.C.P.**

Um aluno com Necessidades Educativas Especiais de Caráter Permanente (NEECP) é aquele que apresenta uma deficiência, uma imperfeição física ou psicológica que não lhe permite atingir, da mesma forma que os outros, aquilo que lhes é ensinado normalmente na escola.

Este conceito, passou a ser conhecido em 1978 a partir da sua formulação no "Relatório Warnock", que foi apresentado no 1º comité britânico constituído para reavaliar o atendimento aos deficientes. As suas conclusões demonstraram que vinte por cento das crianças apresenta NEE em algum período da sua vida escolar. A partir destes dados, o relatório propôs o conceito de NEE. Nos dias de hoje a melhor definição de NEE surge da administração educativa inglesa, que as define como;

“O termo Necessidades Educativas Especiais inclui alunos com capacidades de diferentes níveis, que demonstrem dificuldades na aprendizagem e cognição, comunicação e inter-ação, nos aspetos físicos e sensoriais, e/ou comportamentais, emocionais e de desenvolvimento social.”

Só no ano de 1994 com a Declaração de Salamanca é que este conceito foi adotado, estando relacionado não só com crianças com dificuldades de aprendizagem mas também com crianças superdotadas, de rua ou em situação de risco, que trabalham, de populações remotas ou nómadas, pertencentes a minorias étnicas ou culturais e crianças desfavorecidas ou marginais, bem como as que apresentam problemas de conduta ou de ordem emocional.

O facto de uma criança ter NEE, não significa sempre deficiência física ou intelectual. Qualquer um de nós numa dada altura da nossa vida pode necessitar de apoio suplementar para ultrapassar determinadas barreiras que se nos apresentam na aprendizagem.

### **3.2. Descrição do Aluno N.E.E.C.P.**

O aluno integra a turma C, do oitavo ano de escolaridade, tem 14 anos e apresenta uma deficiência intelectual. Por causa do seu défice cognitivo, o aluno não aprende tão rapidamente como os restantes colegas. Similarmente não fala muito bem, por isso é difícil muitas vezes perceber o que o aluno pretende dizer. Tem também dificuldades em compreender instruções verbais, em especial quando as direções têm várias etapas. Facilmente se distai. No âmbito das habilidades motoras, por consequência da deficiência que tem, o aluno revela bastante

descoordenação motora evidenciando pouca aptidão para a prática desportiva, contudo é um aluno que participa em todas as aulas, mantendo o prazer de participar nas aulas de Educação Física.

### **3.3. Aprofundamento do tema / problema**

O movimento social ligado à educação inclusiva encontra-se historicamente relacionado com a luta pelos direitos, sobretudo na inclusão dos mais carenciados ou marginalizados pela sociedade. É necessária a implementação da inclusão, para que haja uma sociedade mais justa, e desta forma ajudar a melhorar a qualidade da educação, contribuindo assim para a formação de sujeitos críticos (Crochík et al., 2009).

Hoje em dia começa-se a assistir cada vez mais a uma tentativa de proporcionar melhores condições de ajustamento de vida a crianças deficientes, para que estas possam ter o mesmo tipo de oportunidades que os alunos ditos normais (Campos e Cortez, 2009), pois muitas destas crianças vão determinar o seu futuro ao longo dos anos passados na ambiente escolar (Unesco, 2005 *cit in* Espada, Vieira e Rodrigues, 2009). Todos nós temos os mesmos direitos e esta população não é excepção, daí a extrema necessidade de integração destes alunos com deficiência no ensino regular.

A integração destes alunos em escolas regulares depende muito dos professores e principalmente das suas atitudes em relação à inclusão. As atitudes destes são um factor chave na inclusão, pois têm um papel determinante e fundamental na formação de atitudes, positivas e negativas, e no processo educativo dos alunos (Campos e Cortez, 2009). Embora haja uma abundância de pesquisas sobre as atitudes dos professores acerca da inclusão num contexto curricular escolar, em geral, apenas recentemente houve interesse em estudar as atitudes do professor face à inclusão na aula de educação física (Jerlinder, Danermarkb e Gilla, 2010).

Para que a proposta inclusiva nas escolas regulares seja levada adiante e com êxito, é necessário a coesão e a disposição de todos os segmentos, inclusive dos professores e alunos. Incluir sim, mas com qualidade. Esse deve ser o principal fator

a ter em conta no processo. A convivência com pessoas diferentes deveria ser uma grande ferramenta para a educação, preparando desta forma pessoas mais conscientes para a vida e para suas possibilidades (Gorgatti et al, 2004).

Lecionar aulas de Educação Física a uma turma na qual estava incluído um aluno com N.E.E.C.P., constituiu para mim um desafio aliciante visto que foi a primeira vez que me deparei com uma situação desta natureza. Como seria de esperar, encarei com bons olhos o vivenciar desta nova experiência apesar da sua complexidade, pois nem sempre é fácil lidar com estes casos, particularmente quando estamos em processo de estágio e não possuímos a experiência desejada.

Como futuro profissional de Educação Física, torna-se como é lógico importante conhecer o que vários autores dizem sobre a envolvimento deste tema focado para uma Educação Física Inclusiva, visando as atitudes dos professores face aos alunos com N.E.E.C.P..

Antigamente, quando os alunos com necessidades educativas especiais frequentavam uma escola de ensino regular eram, por norma, dispensados das aulas de Educação Física, situação que ocorria, ou pelo simples facto de comodismo, ou por confundirem a deficiência com doença, ou mesmo por falta de informação por parte dos professores. Estes factos conduzem à impossibilidade por parte dos alunos de vivenciarem experiências motoras, lúdicas, recreativas, e até mesmo de beneficiarem do fenómeno da socialização através da atividade física, em que se demonstra essencial que os alunos analisem, compreendam e, acima de tudo, que executem (Gorgatti et al., 2004 *cit in* Campos e Cortez, 2009).

É necessário e urgente perceber quais as crenças, convicções, valores e preconceitos predominantes, de forma a realçar qual a postura correta do docente, para que desta forma este possa adquirir competências e atitudes positivas que possibilitem atuar como agentes de inclusão (Gomes e Barbosa, 2006). Ainda assim, as atitudes dos professores face à inclusão de crianças deficientes dependem muito do tipo de gravidade da deficiência da criança, sendo que as atitudes mais positivas estão relacionadas com a inclusão das crianças que apresentam deficiências menos graves, físicas e sensoriais. Estas atitudes positivas estão também relacionadas com a quantidade de apoios e acessos que o professor tem, incluindo o material didático e outros recursos educativos, assim como auxiliares de serviço especial (Avramidis e Norwich, 2002 *cit in* Erns e Rogers, 2009).

As atitudes relativas ao comportamento dos professores podem padecer de uma conotação negativa ou positiva, sendo que as positivas têm em conta a tolerância e compreensão por parte do docente, em que este reúne todos os seus esforços para conseguir integrar o aluno da melhor forma possível sem que este seja ou se sinta rejeitado pelos colegas. Para isto, é necessário que os professores providenciem adaptações tanto a níveis curriculares como instrucionais de forma adequada a qualquer tipo de aluno, para que desta forma o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem geral dos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente sejam assim facilitados. As atitudes negativas estão sobretudo ligadas ao sentimento de indiferença por parte do professor em relação a estes alunos, vendo a inclusão apenas como uma ação “humanitária”, apenas considerando o que lhe for favorável ao correto funcionamento da aula, não tendo em conta as necessidades dos alunos para que possa lidar com as suas dificuldades. Estas atitudes estão muitas vezes relacionadas com a não-aceitação do aluno na turma, em que os docentes sentem que o aluno irá prejudicar ao nível do comportamento e ensino.

Muitos são os fatores que influenciam no processo de inclusão dos estudantes deficientes nas aulas de educação física, desta forma é essencial perceber quais os fatores que influenciam as atitudes de forma favorável ou desfavorável (Campos e Cortez, 2009). Desta forma, podemos referir a idade, a formação e o género como fatores de influenciadores nas atitudes dos docentes. Constata-se que os professores mais novos apresentam atitudes mais favoráveis face a inclusão de estudantes com deficiência, sendo que no entanto os docentes mais velhos apresentam uma maior perceção da qualidade de experiência e melhor capacidade de competência. Verifica-se ainda que os professores que apresentam experiência no ensino especial possuem atitudes positivas em relação ao ensino de alunos com deficiência, enquanto que os professores sem experiência têm mais dificuldade e demonstram atitudes mais desfavoráveis. Em relação à formação, conclui-se que os docentes com formação no ensino especial, desporto adaptado ou mesmo formação em inclusão apresentam atitudes mais favoráveis, bem como uma melhor qualidade de experiência e uma maior noção da sua competência. Desta forma estes professores têm uma maior capacidade e qualidade para implementarem estratégias ao nível do ensino e formação (Campos, Silva e Ferreira,

2009). Ainda assim, alguns estudos relatam que os professores do sexo feminino têm uma atitude mais positiva em relação à inclusão do que os homens, talvez porque as mulheres apresentam maior sensibilidade perante a deficiência (Hutzler, 2003). Há ainda uma falta de conhecimento sobre fatores escolares que podem influenciar as atitudes dos professores, sendo necessária a implementação de políticas de ensino, de recursos e distribuição destes, e de redes de apoio, bem como estruturas organizadas (Morley et al. 2005), pois muitas escolas não estão equipadas para receber estes estudantes nem estão compostas de auxiliares específicos para trabalharem com esta população.

Investigações recentes mostram-nos que as atitudes de professores de Educação Física face a alunos N.E.E.C.P. variam de acordo com o tipo de professor, o estudante e as suas variáveis relacionadas, sendo mesmo realçado por um estudo que 81% dos professores indicaram que existe falta de educação e formação sobre a inclusão (Dee, 2011). Sabemos como é difícil e complexo o desafio de responder com êxito e qualidade às diferenças entre os alunos e como existem frequentemente faltas de condições e conhecimentos (Campos e Cortez, 2009). Assim, é sem dúvida que podemos afirmar que os professores desempenham um papel decisivo na construção da educação e da inclusão como uma realidade (Jerlinder, Danermarkb e Gilla, 2010).

### **3.4. Conclusões Finais**

Em jeito de conclusão, poderemos afirmar que os professores mais novos desencadeiam atitudes mais favoráveis face à inclusão e os mais velhos apresentam uma maior perceção da qualidade de experiência e melhor capacidade de competência.

Os programas de inclusão devem preocupar-se com a identificação de todas as formas de exclusão e barreiras à aprendizagem no âmbito das políticas nacionais, culturas, instituições de ensino e comunidades, com vista a removê-los. Ainda assim, o êxito da inclusão de alunos com necessidades especiais em turmas regulares implica as atitudes positivas dos professores através de uma programação

adequada e adaptada dentro da sala de aula, para que desta forma seja acessível a todos os alunos (Fakolade, Adeniyi e Tella, 2009).

É incontestável o facto de que é determinante a formação na área da educação especial de todos os professores, ao qual se incluem os professores de Educação Física, para que se possa evoluir neste processo de inclusão, sendo extremamente necessário que as formações na área da educação física, como num curso técnico – profissional, nas licenciaturas ou mestrado devem conter já nos seus planos curriculares uma importante componente no que concerne à área da inclusão, de modo a formar professores competentes que consigam agir e reagir da melhor forma possível perante este tipo de situações.

O professor tem um papel essencial perante este factor, pois não se trata apenas de transmitir conhecimentos, sendo que o mais importante é a forma como o faz, e a sua relação com o saber. Ainda assim é de realçar que este conhecimento não se refere apenas a técnicas, mas também, ao empenho, à sua cumplicidade com o aluno, pois tudo isto influencia positivamente o processo de inclusão (Crochík et al., 2009).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bento, J. (1986). Acerca do Papel do professor de Educação Física. In Revista Horizonte nº. 13, vol. III. Lisboa.

Bento, J. (1995). O outro lado do Desporto. Campo de Letras – Editores S.A.: Porto.

Bom, L. et al. (2001). *Programa Educação Física (Reajustamento). Ensino Básico: 3º Ciclo*. Lisboa

Bento, J. (1997) Planeamento e avaliação em Educação Física. Livros Horizonte: Lisboa.

Campo, M., Cortez, M. (2009), Estudo Exploratório das Atitudes dos Professores de Educação Física Face a Inclusão de Alunos com Deficiência Auditiva, *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte - Salvador – Bahia – Brasil*

Cardinet, J. (1983). *Des instruments d'évaluation pour chaque fonction*. Neuchâtel: Institut romand de recherches et de documentation pédagogiques.

Correia, L. 1999 - *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto Editora.

Costa, F. (1995). O sucesso pedagógico em Educação Física. Estudo das Condições e Factores de Ensino Aprendizagem Associados ao Êxito numa Unidade de Ensino. Faculdade de Motricidade Humana.

Ferreira, Rita (2011). *Medo? Só de Deus – As melhores e mais controversas frases de José Mourinho*. 1ª Edição.

Gorgatti, M., Júnior, D. (2009), Percepções dos Professores Quanto à Inclusão de Alunos com Deficiência em Aulas de Educação Física, *Porto Alegre*.

Mesquita, I (1997). *Pedagogia do Treino*

Monteiro, A., Manzini, E. (2008), Mudanças nas concepções do professor do ensino fundamental em relação à Inclusão após a entrada de alunos com deficiência em sua classe, *Revista Brasileira Educação Especial*, v.14, n.1, p.35-52

Rodrigues, David (2006). *Investigação em Educação Inclusiva*. Volume 1. Faculdade de Motricidade Humana.

Oeiras, Câmara Municipal (1997). *A Criança, a Escola e a Educação Física*. Edição Câmara Municipal de Oeiras, Divisão de Educação / Gabinete de Relações Públicas.

Piéron, M. (1996). *Formação de Professores. Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. Lisboa: Ciências da Educação, Edições FMH.

Piéron, M. (1999). *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas*. Zaragoza: INO Reproducciones.

Ribeiro, L. (1989). *Avaliação da Aprendizagem. Coleção Educação Hoje*. Lisboa: Texto Editora.

Siedentop, D. (1991). *Aprender a enseñar la Educación Física*. Zaragoza: INO Reproducciones.

Vayer, P., Roncin, C. (1992). *Integração da Criança Deficiente na Classe*.